

## Educação Musical Infantil e Recursos Audiovisuais: reflexões, usos e impactos na prática docente

### Comunicação

Vinícius Eufrásio  
Universidade Federal da Paraíba  
vni\_mus@hotmail.com

**Resumo:** Este texto aborda os impactos e desafios da utilização de recursos audiovisuais na educação musical infantil no Brasil, em um contexto marcado pela crescente adoção de plataformas digitais como *YouTube*, *Instagram* e *TikTok*. O objetivo principal é analisar os impactos sobre as práticas pedagógicas atuais e propor reflexões em torno do que poderia ser considerado como uma educação musical significativa, superando a simples reprodução de modelos preexistentes. Para isso, metodologicamente, parte-se de uma revisão crítica da literatura sobre musicalização infantil e uma análise das tendências de buscas em plataformas digitais, tendo como exemplo dados obtidos a partir do *Google Trends* sobre os dois maiores motores de busca da atualidade, o *Google* e o *YouTube*. Os resultados indicam que, embora a democratização do acesso ao conhecimento seja positiva, há riscos mediante uma assimilação e reprodução acrítica de materiais disponíveis *online*, podendo comprometer a qualidade do ensino musical para crianças.

**Palavras-chave:** Educação Musical na Escola Regular; Musicalização Infantil; Música na Educação Infantil.

### Introdução

A educação musical infantil, especialmente no contexto brasileiro, tem sido atravessada por diversas concepções pedagógicas que moldaram e continuam a influenciar a prática docente na pluralidade de espaços em que essa ocorre. A música, muitas vezes, tem sido utilizada de forma instrumental e circunscrita, servindo como suporte para a aquisição de conhecimentos gerais, reforço de comportamentos e formação de hábitos. Tal abordagem, que frequentemente se manifesta por meio de do uso de canções acompanhadas por gestos quase coreográficos, tende a automatizar e tornar puramente mecânico o que poderia ser uma experiência de expressão criativa dos sujeitos. Acompanhando a implementação de legislações e de documentos normativos, que sugerem uma intensificação da presença da música nas escolas de educação básica, tem sido possível aferir que houve um aumento significativo na busca por recursos pedagógicos voltados à educação musical infantil.

30 de outubro a 01 de novembro de 2024  
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



www.abem.mus.br

Essa conjuntura gerou uma grande demanda por materiais instrucionais, e as plataformas digitais, como *YouTube*, *Instagram* e *TikTok*, tornaram-se fontes de consulta cotidiana para os profissionais da educação. No entanto, o alcance e a popularidade dos materiais difundidos nessas plataformas, sobretudo artefatos audiovisuais, dependem de critérios estabelecidos por algoritmos que funcionam como um conjunto de instruções ou regras bem definidas dentro destas redes sociais e que foram projetadas para realizar tarefas especificamente relacionadas à geração de engajamento com os conteúdos nelas veiculados, visando, sobretudo, a retenção da audiência e a taxa de cliques. Isso pode levar os criadores de conteúdo a priorizarem estratégias que maximizem a visibilidade e a monetização de seus perfis e canais na internet, o que nem sempre pode coincidir com objetivos pedagógicos mais profundos e que deveriam ser prioritários no processo educativo.

Ao buscar por termos relacionados à educação musical infantil nessas plataformas, encontramos uma ampla diversidade de conteúdos e, neste texto, é discutido como essa diversidade pode democratizar o acesso ao conhecimento e, ao mesmo tempo, impor desafios à área, especialmente quando falta uma base sólida de critérios para avaliar a qualidade e a adequação dos materiais disponíveis (Nassif, 2023). Neste sentido, propomos uma reflexão crítica acerca do uso indiscriminado de modelos prontos que desconsidera o conhecimento científico e as reflexões metodológicas já produzidas e validadas pela comunidade, assim como as individualidades e contextos específicos em que os processos de ensino e aprendizagem ocorrem com crianças em diferentes situações educacionais.

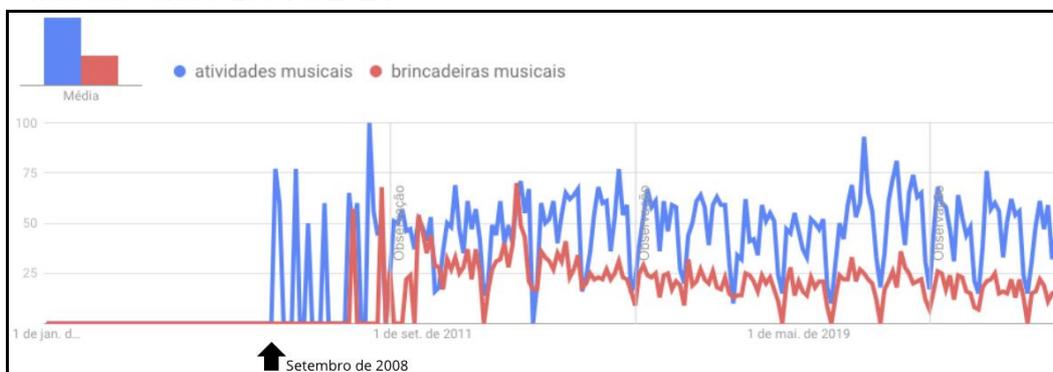
Considerando essa realidade, é essencial reavaliar as práticas de educação musical infantil com o objetivo de desenvolver estratégias pedagógicas que transcendam a simples repetição de modelos preexistentes. É fundamental promover uma educação musical que seja verdadeiramente significativa e transformadora, priorizando um equilíbrio entre o desenvolvimento técnico e a compreensão musical. Esse equilíbrio permitirá que as crianças vivenciem a música de forma rica, expressiva e criativa, por meio de atividades que integrem composição, apreciação e performance. Para fundamentar essa abordagem, recorreremos a autores que têm contribuído para o debate e a reformulação da musicalização infantil no Brasil ao longo das últimas décadas.

## Para início de conversa...

No cotidiano da educação infantil brasileira, a música vem atendendo a propósitos diversos, segundo concepções pedagógicas que já vigoraram (ou ainda vigoram) no Brasil. Todavia, percebemos fortes resquícios de uma concepção de ensino que utilizou a música, mais especificamente canções, como suportes para a aquisição de conhecimentos gerais, para reforçar de comportamentos, bem como para a formação de hábitos e atitudes, disciplina, condicionamento da rotina, comemorações de datas diversas, dentre outras situações. As denominadas "musiquinhas", como muitos ainda insistem nomear, surgem quase sempre acompanhadas de gestos e movimentos que, pela redundância, tornam-se mecânicos e estereotipados, automatizando o que poderia vir a ser expressivo. A prática musical, nesses contextos, surge como meio para atingir objetivos considerados adequados à instrução e à formação infantis (Brito, 2003).

A partir da implementação da lei 11.769/2008 (posteriormente suplantada pela lei 13.278/2016, mas sem alterações em relação à música), os docentes generalistas – com formação em pedagogia – se viram na obrigação de inserir atividades que contemplassem essa linguagem artística (Nassif, 2023). Com a intensificação da presença da música nas escolas de educação básica, especificamente na educação infantil e no ensino fundamental, houve uma consequente ampliação da busca por recursos pedagógicos por parte dos profissionais que atuam nesses segmentos, ocorrendo mais pesquisas em torno de termos de buscas como “atividades musicais” e “brincadeiras musicais” e seu emprego na educação infantil (Figura 1).

**Figura 1:** Registro do interesse de pesquisa ao longo do tempo para buscas no Google para os termos “atividades musicais” e “brincadeiras musicais” entre 2004 e 2024



Fonte: Elaborado a partir de dados do Google Trends

30 de outubro a 01 de novembro de 2024  
Sobral - Ceará | Universidade Federal do Ceará



www.abem.mus.br

Esses profissionais passaram a procurar subsídios para suas aulas em diversos locais, em especial, em plataformas disponíveis na internet. Tal conjuntura, tem gerado uma demanda grande por materiais instrucionais relacionados à música e sua aplicação em contextos de sala de aula. Uma grande profusão de modelos audiovisuais pode ser encontrada em plataformas como o *YouTube*, o *Instagram* e o *TikTok*, recursos que estão cotidianamente a poucos cliques – ou toques na tela – de distância dos usuários. De forma concomitante a essa conjuntura descrita acima, “abriu-se um campo de trabalho para educadoras/es musicais nesse contexto de ensino” (Nassif, 2023, p. 380).

Um ponto pertinente e que devemos considerar em nossa reflexão é que o alcance de vídeos dentro do *YouTube* – e consequentemente a monetização e o impacto nos valores recebidos pelos profissionais que criam conteúdo com propósitos financeiros – está diretamente relacionado a fatores definidos pelo algoritmo da plataforma. Entre esses fatores, destacam-se a mensuração do engajamento e retenção da audiência, pois, quanto mais um produtor mantém um usuário navegando, maior será a quantidade de anúncios exibidos pela plataforma, configurando sua principal fonte de receita. Assim, diante disso, o tempo de visualização e a retenção da audiência são cruciais para determinar o sucesso do vídeo. Outros critérios determinados nos termos do *YouTube* incluem a quantidade de curtidas, comentários e compartilhamentos, bem como a taxa de cliques, que mede a eficiência das miniaturas e títulos dos vídeos (YouTube, 2024). Assim, os produtores de conteúdo que desejam se profissionalizar e viver da renda gerada com seu canal – o que depende diretamente do número de visualizações – são mais condicionados a modelar o roteiro de suas produções audiovisuais com a intenção de corresponder a necessidades imediatas de uma audiência do que propriamente a atender questões de cariz pedagógico. Neste cenário, mesmo para canais educativos, vale mais o que chama e retém a atenção dos usuários, do que propriamente o que educa ou ensina.

Ao realizar uma pesquisa em outra plataforma, o *YouTube*, com a expressão "educação musical infantil" como termo de busca, é possível identificar rapidamente uma ampla variedade de canais. Ao explorar esses canais, se torna evidente a extensa rede de conteúdo educacional musical disponível, tanto de criadores brasileiros quanto estrangeiros. Essa diversidade de fontes, por um lado, é positiva, pois promove a democratização do conhecimento pedagógico musical e facilita a interação entre profissionais da educação musical em rede. Entretanto, essa profusão de opções pode gerar desafios, especialmente

quando falta uma base sólida de critérios musicais e educacionais para que os usuários possam analisar e avaliar o conteúdo oferecido. O grande problema reside no fato dos profissionais utilizarem estes modelos de atividades musicais de forma acrítica (Nassif, 2023).

Também devemos considerar que outros suportes de difusão de informações, especificamente, modelos de atividades, há décadas, vêm sendo disseminados por outros meios, sejam textuais, fonográficos, digitais, físicos, dentre outros. Contudo, se por um lado, artigos em periódicos especializados e livros passam por revisões, avaliações de especialistas ou pelo crivo de algum conselho editorial, os conteúdos disseminados pela internet, independente dos modelos e formatos, muitas vezes podem ser difundidos sem a adoção de critérios específicos. Se por um lado existe uma democratização que é impulsionada pelo fato de qualquer indivíduo com acesso à internet e a um aparelho eletrônico de bolso ter a possibilidade de criar e difundir ideias, conteúdos e modelos sem qualquer critério, cabe ao usuário – neste caso, os educadores – a construção de critérios próprios que possibilitem deliberar sobre utilizar ou não determinado conteúdo em suas aulas, objetivando, de fato, as potencialidades pedagógico-musicais dos conteúdos e não apenas suas funções lúdicas e de entretenimento.

Se no início do século XXI, já existia uma crítica sobre as tendências reproducionistas e de pura imitação de modelos prontos na educação musical de crianças para criação de hábitos comportamentais (Brito, 2003), o advento da tecnologia e a capacidade que hoje temos de possuir acesso imediato a recursos audiovisuais pode simplesmente estar ampliando essa tendência de assistir, apropriar e, simplesmente imitar diante dos alunos em sala de aula. Nessa crítica, não nos referimos propriamente a uma etnopedagogia musical, que emerge a partir das vivências dentro das culturas e que está repleta de processos de imitação, improvisação e corporeidade, dentro das experiências de prática musical coletiva e socialização (Prass, 2019), mas criticamos a imitação pela imitação, como recurso pedagógico estereotipado e acrítico que desconsidera individualidades e contextos específicos. Neste sentido, fazemos uma revisão sobre o que é concebido na área de educação quanto à procedimentos para a musicalização e educação musical infantil.

## Sobre o ensino de música pra crianças

Podemos compreender a Educação Musical Infantil como um dos ramos que competem à área de Educação Musical e sobre o qual podemos olhar de distintas perspectivas e que dialoga com os diferentes campos de atuação do educador musical. Contudo, para que possamos ter um melhor entendimento do que se trata essa vertente, precisamos definir basicamente: a) como se caracteriza; b) quais suas abordagens; c) o que a área, enquanto comunidade, reconhece como sendo; d) qual público atende; e) em quais espaços ocorre; f) qual o perfil do profissional que atua neste segmento da música e da educação.

Como Educação Musical Infantil, podemos compreender os variados processos de iniciação musical e de ensino-aprendizagem de música realizado com crianças, ou seja, de acordo com a Lei nº 8.069, nomeadamente o Estatuto da Criança e Adolescente, são indivíduos que possuem idade de zero a doze anos incompletos. Assim, aulas para crianças podem acontecer nos mais diferentes contextos e locais, como, por exemplo, na universidade, no âmbito de projetos de extensão, na escola regular, na creche, escolas especializadas de música, no berçário, na comunidade, na igreja, dentre outros (Broock, 2013). Neste sentido, também podemos considerar que a Educação Musical Infantil abarca diferentes tipos de práticas, processos e abordagens, como, por exemplo, o ensino de instrumento ou canto, seja individual ou coletivo, assim como a iniciação musical e a musicalização.

Podemos compreender a musicalização infantil como uma abordagem cujos processos de ensino estão relacionados à promoção de estímulos musicais direcionados a crianças e que possuem o propósito de promover vivências e experiências a partir da interação com elementos musicais diversos. Pedagogicamente, os procedimentos realizados com as crianças visam desenvolver a escuta atenta e consciente, a apreciação musical, percepção auditiva, a corporeidade e o movimento corporal, as capacidades expressivas, assim como suas capacidades criativas, objetivando a formação de indivíduos aptos a se expressarem musicalmente.

Dada a amplitude da educação básica brasileira e a quantidade de crianças que, sistematicamente, sua estrutura abarca, se direcionarmos nosso olhar especificamente para a escola regular e, com base no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil –

RCNEI (1998), podemos entender a musicalização infantil como uma abordagem específica da educação musical e que ocorre por meio de canções, jogos, danças, brincadeiras, exercícios de movimento e relaxamento, prática instrumental, improvisação, apreciação, noções de ritmo, melodia, compasso, métrica, som, tonalidade, leitura e escrita musical. Estes elementos são apresentados às crianças por meio de processos didático-pedagógicos que tangem o universo lúdico (Madalozzo; Madalozzo, 2013).

Mesmo que documentos mais recentes, como por exemplo a BNCC (Brasil, 2018), nos ofereçam listas de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, ou listas de habilidades a serem contempladas em nossos planejamentos pedagógicos, devemos considerar que a educação musical infantil, bem como as atividades promovidas neste contexto, abarca complexidades que vão muito além de um, ou mesmo de um apanhado de descritores dos documentos supracitados (França, 2020).

O que precisamos considerar é que, independente do contexto em que se dão, existem questões de cunho didático que, normalmente, trazem algumas semelhanças e que devem ser consideradas. Mesmo em contextos distintos, quando consideramos a abordagem da musicalização, a estruturação das aulas deve considerar: a) repertório; b) atividades extras; c) conhecimento sobre o grupo de alunos; d) saber ouvir; e) aproveitamento de cada atividade ao máximo; f) comunicação clara; g) elos conceituais ou temáticos; h) dinamicidade; i) considerar a participação ativa dos pais e responsáveis (Broock, 2013, p. 160–163).

Portanto, a musicalização infantil pode ser compreendida como um processo de sensibilização sonora no qual a criança passa a atribuir sentido aos conceitos musicais através de uma série de práticas ativas em que se envolve, contemplando processos de ensino e aprendizagem, assim como o envolvimento das crianças umas com as outras e com os adultos em funções docentes (Madalozzo, 2021). Nessa abordagem, nas aulas de musicalização, diversos conceitos musicais devem ser trabalhados durante as aulas, prezando por uma abordagem lúdica, pois, assim, as crianças podem vivenciar os elementos musicais por meio da prática (instrumental e corporal), apreciação musical, dentre outras situações (Broock, 2013).

Assim, se por um lado, é fundamental que a educação musical infantil oportunize vivências ricas, expressivas e criativas (França, 2013, 2015), por outro lado, na realidade cotidiana das instituições de educação infantil brasileiras, ainda é possível perceber que a música atende diversos propósitos com fortes resquícios de uma concepção de ensino que

utiliza a música, mais precisamente canções e cantigas, apenas como um meio para a obtenção de conhecimentos gerais, assim como para o desenvolvimento de hábitos e atitudes disciplinares, como, por exemplo, a execução de rotinas, celebração de diversas datas, entre outros usos que, por vezes, são repetitivos, automatizados e padronizados. Como já problematizado anteriormente neste texto, a música, nesses contextos, é utilizada apenas um recurso lúdico para que se alcance objetivos considerados adequados à instrução e à formação infantil, deixando pouco espaço para a expressividade das crianças (Brito, 2003).

## Recursos para o ensino de música pra crianças na internet

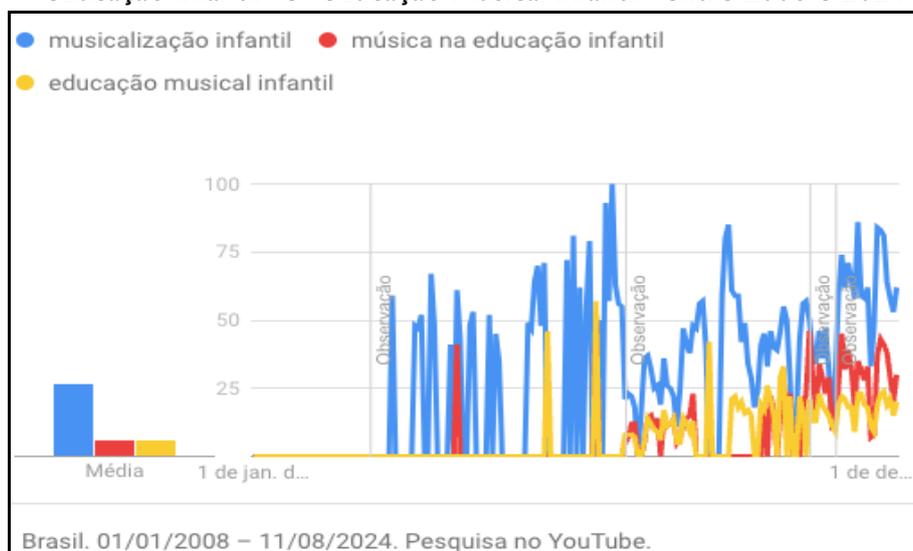
Um retrato do interesse pedagógico dos dias atuais pode ser rapidamente aferido por meio das plataformas digitais globalmente mais utilizadas. Levantamentos de dados nos dois motores de busca mais populares do mundo, respectivamente os websites *Google* e *YouTube*, utilizando palavras-chave como “musicalização infantil”, “música na educação infantil” ou “educação musical infantil”, frequentemente resultam em uma série de modelos de atividades, demonstrando o tipo de conteúdo mais buscado e acesso.

É importante ressaltar que, conforme explanado anteriormente, de acordo as diretrizes que dão indicativos sobre o funcionamento dos algoritmos destas duas plataformas, os resultados de buscas mais recomendados pelo sistema refletem as experiências de navegação do maior número de usuários e a capacidade de retenção da atenção dos espectadores, ou seja, os resultados que aparecem primeiramente na tela são aqueles que, de alguma forma, têm sido validados pela audiência.

Os índices ilustrativos a seguir (Figuras II e III), indicam o nível relativo de interesse de pesquisa em comparação com o ponto mais alto registrado no gráfico para uma determinada região e período. Um valor de 100 representa o maior pico de popularidade do termo. Já um valor de 50 indica que o termo alcançou metade dessa popularidade máxima. Uma pontuação de 0 significa que não houve dados suficientes para medir o interesse sobre o termo. Na prática, esses números funcionam como uma medida da popularidade de um termo de busca em relação ao seu desempenho máximo dentro de um período específico e em uma determinada região.

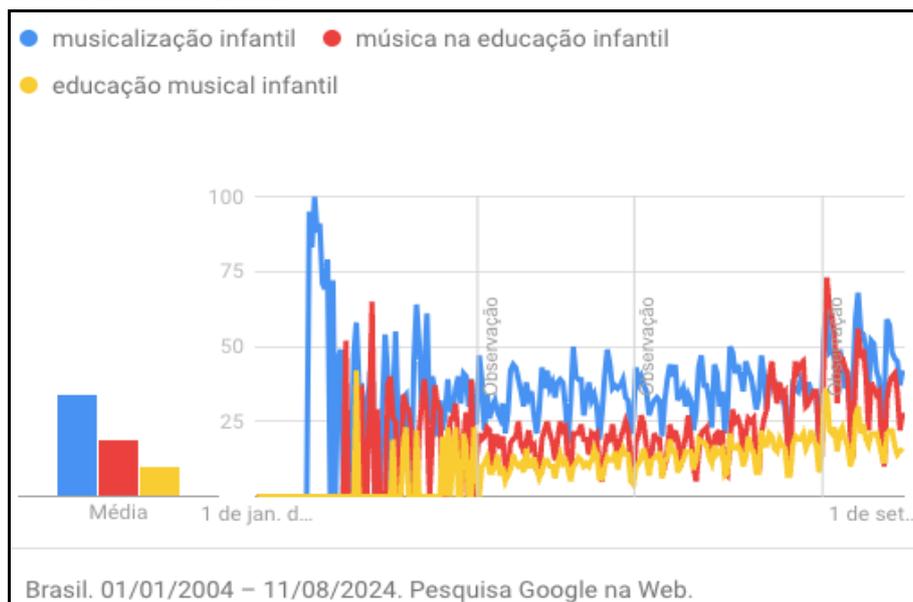
Por exemplo, se um termo alcançou um valor de 100, isso significa que, naquele momento e lugar, ele foi o mais pesquisado possível. Um valor de 50 indica que o termo teve metade desse interesse máximo, o que ainda pode representar um número significativo de buscas, mas não tanto quanto no momento do pico. Quando o valor é 0, significa que o termo não foi popular o suficiente para gerar os dados necessários para a análise feita dentro da plataforma, indicando uma falta de interesse ou relevância naquele contexto específico. Isso é útil para entender como o interesse por determinados termos ou tópicos flutua ao longo do tempo e em diferentes locais, ajudando a identificar tendências e comportamentos de pesquisa.

**Figura II:** Interesse de pesquisa ao longo do tempo no Brasil para buscas no *Youtube* para os termos “musicalização infantil”, “música na educação infantil” e “educação musical infantil” entre 2008 e 2024



Fonte: Elaborado a partir de dados do *Google Trends*

**Figura III:** Interesse de pesquisa ao longo do tempo no Brasil para buscas no *Google* para os termos “musicalização infantil”, “música na educação infantil” e “educação musical infantil” entre 2004 e 2024



Fonte: Elaborado a partir de dados do *Google Trends*

De acordo com Silvia Nassif (2023), essa ampla oferta de propostas, de forma geral, pode ser considerada altamente positiva, pois facilita e democratiza o acesso ao conhecimento e possibilita a interação de profissionais em rede, mas, por outro lado, também pode gerar uma série de problemas, sobretudo quando os espectadores não contam com fundamentos (musicais e educacionais) de análise e avaliação do que é oferecido na internet.

A atual conjuntura, na qual nos deparamos diante de uma profusão de informações voltadas para a educação musical infantil nos leva à necessidade de repensar e refletir sobre a produção de conhecimento, tanto teórico quanto teórico-metodológico e prático, assim como suas implicações na ação pedagógica. Estamos diante de um momento que demanda mais reflexões sobre as concepções, conteúdos e possibilidades metodológicas e sobre como isso impacta no planejamento docente e nas propostas pedagógicas na contemporaneidade. Para além da produção científica, dado a dimensão complexa que envolve o profissional da educação musical e o seu fazer pedagógico, neste momento é ainda mais urgente pensarmos em estratégias de divulgação científica e medidas de popularização da ciência para que não se desperdice o conhecimento produzido sobre a educação musical que, cada vez mais, vem perdendo espaço para os fazeres efêmeros que têm sido “viralmente” difundidos pela lógica da plataformização.

Tendo a acreditar que o caminho não seja gladiar contra um sistema já absorvido pela sociedade, mas sim lidar com ele criando artefatos didáticos capazes de auxiliar a prática docente na abordagem da musicalização infantil fundamentados em processos sólidos de pesquisa para a criação de tais recursos. Neste sentido, o LEMI (Laboratório de Educação Musical Infantil) e o NEMI (Núcleo de Estudos em Músicas e Infâncias), ambos operantes na Universidade Federal da Paraíba, têm investido na aplicação e difusão de práticas músico-pedagógicas com crianças, atuando diretamente em atividades de ensino e pesquisa, assim como em projetos de extensão que contemplam processos de ensino e aprendizagem musical com crianças da comunidade universitária.

## **Reflexões e considerações finais [por enquanto]**

No processo de reflexão sobre a música na educação durante a infância, devemos considerar a criança é um ser brincante e que, brincando, vivencia práticas musicais, pois é também por meio da brincadeira que ocorre sua relação com o mundo e com o cotidiano. Por outro lado, as fontes bibliográficas que abordam o uso da brincadeira no âmbito da musicalização infantil no alertam sobre o fato de que para que esse tipo de atividade seja eficiente no contexto educativo, é necessário que o educador mantenha um equilíbrio entre ações lúdicas e pedagógicas, transfigurando conteúdos que competem ao desenvolvimento habilidades musicais em forma de brincadeira (Eufrásio, 2017; Pereira; Eufrásio, 2021).

Metaforicamente, fazendo música, cada criança lida com os sons dentro de sua singularidade e, de um modo particular, os indivíduos percorrem caminhos próprios em direção à construção de conhecimento em música assim como em toda e qualquer área do saber (Brito, 2003, p. 35–40). Contudo, de acordo com nosso percurso reflexivo até aqui, já não podemos considerar que qualquer prática vale e que há premissas que distinguem o educar do entreter.

As aulas de musicalização infantil, sempre que possível, devem ser estruturadas a partir de um roteiro. Cabe a cada professor criar o seu como uma espécie de rotina, mas podemos sugerir que sejam contempladas atividades como: a) acolhida; b) atividades de canto; c) atividades de ritmo; d) uso de parlendas ou brincadeiras faladas; e) apreciação musical com repertórios variados; f) atividade com instrumentos musicais; g) canção com movimentos contidos e largos, com ou sem locomoção; h) atividades livres; i) momento da

canção das crianças, para que elas possam compartilhar as músicas que gostam e que fazem parte do seu cotidiano; j) atividade de notação para as crianças maiores; k) relaxamento; l) despedida. Ressaltamos que não há necessidade de contemplar todos os tipos de atividades listadas em todos os encontros. No caso da musicalização com bebês, é recomendado que exista uma rotina mais bem delineada e que a estrutura das aulas seja mantida durante todo o processo, podendo, é claro, variar quando houver necessidade. Com as crianças maiores, o roteiro ou a estrutura proposta pode ser mais flexível e variada a cada aula, contudo, é muito importante que as atividades sejam intercaladas por elos conceituais ou temáticos<sup>1</sup>, ou seja, é fundamental que as atividades possuam conexão entre si e que as transições entre cada uma delas sejam realizadas de forma suave e coerente com os objetivos da aula (Broock, 2013).

No que diz respeito à produção de conhecimento sobre processos de educação musical, considerando especialmente a infância, é imprescindível que busquemos convergências entre pilares filosóficos, psicológicos e pedagógicos, traçando diálogos entre referenciais destas áreas e buscando aproximações entre a teoria e a prática educacional. Neste sentido, é fundamental que as decisões pedagógicas se alinhem também com percursos de desenvolvimento musical, auxiliando que as deliberações didáticas se tornem mais alinhadas e sensíveis ao ensino e às necessidades discentes (França, 2013).

Tendo como base os estudos de Joan Russel (2005), Angelita Brook (2013), propôs a adaptação de questões que podem auxiliar no direcionamento e na construção de planos de aula, servindo como subsídio para prática e reflexão antes e depois das aulas, assim como serem utilizados como critérios avaliativos. São estas: a) "o que vou ensinar?"; b) "que materiais musicais vão ser vivenciados pelas crianças?"; c) "de que maneira esses materiais vão ser experimentados?"; d) "qual vai ser o tópico central focado em cada atividade?"; e) "quais serão as relações existentes entre as diversas atividades?"; f) "como vai se estabelecer a sequência das atividades musicais?"; g) "que habilidades tais atividades vão exigir das crianças?"; h) "quais configurações espaciais serão usadas em sala de aula?"; i) "quais serão os componentes estruturais da aula?".

Partindo de questões como estas, é possível visualizar a cena da aula e estabelecer quais serão as expectativas dos professores em relação à própria realização pedagógica e em relação às respostas das crianças para cada situação. Na elaboração de seu planejamento e

---

<sup>1</sup> Ver o trabalho de Russel (2005).

seus planos de aula, o professor deve ter clareza ao descrever os seguintes tópicos: tema geral do planejamento ou de cada uma de suas sequências didáticas e aulas, os objetivos gerais e específicos, o repertório, os conteúdos, a metodologia, os recursos materiais e os critérios de avaliação de cada aula, especificando cada um desses pontos (Broock, 2013).

Muitas das vezes o jogo e a brincadeira são os principais meios didáticos pelos quais se dão os processos de musicalização, sendo compreendidos por diversos autores como uma ação própria da infância ou como uma interface natural da criança com o mundo<sup>2</sup>. Contudo, se por um lado, o jogar e o brincar servem para propiciar a diversão e o prazer; por outro, devem ter um objetivo pedagógico claro. Se o equilíbrio entre as duas funções não for atingido, ou não haverá ensino, apenas jogo; ou não haverá jogo e/ou brincadeira, apenas ensino. No caso da musicalização, é fundamental tomar cuidado para não se perder de vista o objetivo pedagógico em todas as atividades propostas. Assim, a função lúdica dos jogos musicais deve servir como suporte para essa função educativa, não se deixando cair no perigo de que as aulas se tornem momentos de recreação com música (Madalozzo; Madalozzo, 2013, p. 168).

Considerando o aprendizado e desenvolvimento musical das crianças, é necessário encontrarmos um equilíbrio entre o desenvolvimento técnico e a compreensão musical, conciliando as tendências de imitação e de imaginação, abrindo margem para a criatividade, para que os indivíduos possam articular uma genuína compreensão musical. Uma das vias pelas quais isso pode ocorrer, seria através da conciliação entre a composição, a apreciação e a performance (França; Swanwick, 2002).

A proposta principal deste texto, para além da revisão de literatura apresentada, foi suscitar uma discussão pautada em reflexões, indicativos metodológicos e procedimentos pedagógicos já concebidos na área e não apenas advogar pontualmente sobre ideais de avanço ou retrocesso das práticas em educação musical. A sugestão é que devemos questionar se apenas por termos acesso facilitado a mais ferramentas tecnológicas, de fato, temos avançado e expandido nossas concepções ou se apenas reproduzimos as mesmas práticas a partir de novos recursos, cada vez mais “inovadores”, portáteis, digitais, virtuais e,

---

<sup>2</sup> Mesmo o livre brincar e do jogo com fim sem si mesmo sendo considerados como atividades próprias da infância e do ser criança, ainda não há uma discussão densa no que diz respeito à sua exploração enquanto potenciais atividades e situações educativas para a educação musical infantil e, em outra via, percebe-se uma maior predominância de reflexões acerca do uso de atividades dirigidas, mais alinhadas ao que podemos entender como jogo pedagógico ou brincadeira educativa (Pereira; Eufrásio, 2021).

por vez, até mesmo superficiais. Assim, percebe-se a necessidade um maior aprofundamento, especialmente de cariz empírico, dentro desta questão, avaliando as formas de uso prático que educadores brasileiros têm dado aos materiais audiovisuais disponíveis na internet e mensurar sua pertinência para a educação musical infantil na conjuntura social do presente.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).

BRITO, Teca Alencar de. Música na Educação Infantil. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003.

BROOCK, Angelita Maria Vander. Crianças na Universidades? In: ILARI, Beatriz; BROOCK, Angelita (org.). Música e Educação Infantil. 1. ed. Campinas/SP: Editora Papirus, 2013. p. 147–166.

EUFRÁSIO, Vinícius. A utilização de brincadeiras folclóricas em aulas de música. Iaed. [S. l.]: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. BNCC e Educação Musical: muito barulho por nada? Música na Educação Básica, [s. l.], v. 10, n. 12, p. 30–47, 2020. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

\_\_\_\_\_. Outros Que Cantem Passo Por Passo. In: SILVA, Helena Lopes da; ZILLE, José Antônio Baêta (org.). Música e Educação. Barbacena/MG: EdUEMG, 2015. p. 51–64.

\_\_\_\_\_. Uma Borboleta Nas Teclas do Piano: significado e desenvolvimento musicais. In: BROOCK, Angelita; ILARI, Beatriz (org.). Música e Educação Infantil. Campinas/SP: Editora Papirus, 2013. p. 11–36.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, Apreciação e Performance na Educação Musical: teoria, pesquisa e prática. Em Pauta, [s. l.], v. 13, n. 21, p. 5–41, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/8526>. Acesso em: 12 set. 2023.

MADALOZZO, Tiago. “Eu quero [ouvir] de novo!”: o envolvimento criativo de crianças de 5 anos na musicalização infantil. Revista da Abem, [s. l.], v. 29, p. 120–136, 2021.

MADALOZZO, Vivian Agnolo; MADALOZZO, Tiago. Planejamento na Musicalização Infantil. In: ILARI, Beatriz; BROOCK, Angelita (org.). Música e Educação Infantil. Campinas/SP: Editora Papirus, 2013. p. 167–190.

NASSIF, Sílvia Cordeiro. A Educação Musical de Crianças Pequenas: alguns fundamentos para a apropriação de materiais pedagógicos disponíveis na internet. Revista Educação e Linguagens, [s. l.], v. 11, n. 22, p. 349–402, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2022.11.22.349-402>.

PRASS, Luciana. Etnomusicologia e Educação Musical: da escola de samba para a universidade e de volta. In: IX Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia e XVII Encontro de Educação Musical da Unicamp. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 2019. p. 655–663.

PEREIRA, Luiz Carlos Martins; EUFRÁSIO, Vinícius. O uso de brincadeiras e sua importância no contexto da musicalização de crianças: um estudo preliminar. In: 2021, Belo Horizonte/MG. Anais do 7o Nas Nuvens... Congresso de Música. Belo Horizonte/MG: Programa de Pós-Graduação em Música da UFMG e Programa de Pós-Graduação em Artes da UEMG, 2021. p. 1–10. Disponível em: <http://musica.ufmg.br/nasnuvens>. Acesso em: 15/10/2024.

YOUTUBE. YouTube Community Guidelines & Policies. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/howyoutubeworks/policies/community-guidelines/>. Acesso em: 11 ago. 2024.